

O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro

Amanda Tenório Pontes da Silva¹

Resumo

A mídia na pós-modernidade é um espaço onde o indivíduo pode se identificar e influenciar através das leituras interpretativas que faz da informação. No jornalismo impresso, gêneros como o perfil têm se consolidado por retratar trechos da história de vida de um personagem que poderiam ser meramente factuais. Ancorados no presente, mas tendo o passado e o futuro para ser corroborado, neste trabalho está a preocupação em destacar o perfil e a entrevista compreendendo-os a partir das suas distinções e características em comum. O jornalista e seus obstáculos na construção de narrativas jornalísticas humanizadas no meio impresso, passando pela entrevista e tendo como resultado o perfil, constituirá a temática aqui proposta.

Palavras-Chave: Gêneros jornalísticos. Narrativa Jornalística. Entrevista. Perfil.

1 A entrevista como fio condutor do perfil jornalístico

A entrevista foi considerada por muito tempo apenas uma técnica para apuração de dados. Porém, ao longo dos anos, ela passou a trazer liberdade de interação entre entrevistador e entrevistado, tomando cada vez mais ares de gênero jornalístico. Cremilda Medina (2002) alerta que se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo.

A palavra “entrevista”, por si só, está carregada de ambigüidades, pois pode significar: qualquer procedimento de apuração junto à fonte capaz de diálogo; uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de saber de interesse público; ou a própria matéria publicada com as informações obtidas.

A entrevista para o presente estudo é uma interação social baseada na interpretação que os participantes constroem de si ao redor de um tema, ou seja, uma relação complexa e efetivada num determinado espaço e tempo.

¹ Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Atualmente, pode-se afirmar que durante o processo de elaboração de quase todos os gêneros do jornalismo é preciso entrevistar. No caso proposto, a discussão sobre as experiências de vida do entrevistado torna-se parte fundamental, pois apenas assim poderá ser efetuado o envolvimento para a elaboração de um perfil que reflita os seus atores sociais.

A criação de vínculos com os entrevistados através da entrevista não-diretiva é uma forma de capturar nuances que não seriam possíveis se na presença da técnica da entrevista impessoal e direta. De acordo com Morin, (*apud* MEDINA, 2002, p. 13):

Antes de tudo, ela dá a palavra ao homem interrogado, no lugar de fechá-lo em questões preestabelecidas. É a implicação democrática da não diretividade; em seguida, ela pode ajudar a viver, provocando um desbloqueio, uma liberação; enfim, ela pode contribuir para uma autoelucidação, uma tomada de consciência do indivíduo.

1.1 Formas da entrevista

Existe um fenômeno muito importante que deve ser analisado em todos os escritos elaborados a partir de entrevistas orais. São eles: elaboração do cronograma de tempo, pauta, gravação da entrevista, autorização para expô-la; transcrição e divulgação do resultado, incluindo os textos elaborados a partir da entrevista - no caso deste trabalho, os próprios perfis. Pensando nisso o historiador Paul Thompson (1998, p. 153) acumula as atividades e práticas de um historiador e de um jornalista

[...] quanto menos seu testemunho seja moldado pelas perguntas do entrevistador, melhor. Contudo, a entrevista completamente livre não pode existir. [...] Há alguns princípios básicos para a elaboração das perguntas, que se aplicam a todo tipo de entrevista. As perguntas devem ser sempre tão simples e diretas quanto possível, em linguagem comum. [...] Normalmente devem-se evitar perguntas diretivas. [...] Uma entrevista não é um diálogo ou uma conversa. [...] Sem dúvida alguma, quanto mais você demonstrar compreensão e simpatia pelo ponto de vista de alguém, mais você poderá saber sobre ele.

A entrevista poderá ter inúmeros propósitos que irão variar de acordo, principalmente, com a proposta do veículo de comunicação em que será publicada. O meio: jornalismo impresso, radiojornalismo ou telejornalismo – também incluirá seguras diferenças na forma e no conteúdo do gênero.

Neste segmento será destacada a entrevista impressa, compreendida atualmente mais próxima a noção de perfil. Ao ter em mãos o resultado da entrevista, a primeira

etapa constituir-se-á na edição, ou seja, serão separadas as partes principais ordenando perguntas e respostas mais interessantes dentro da proposta.

O segundo tratamento da entrevista no jornalismo impresso é a sua acepção, mais vigente em revistas, geralmente: culturais, políticas ou econômicas. Não obstante ela virá rebuscada por um perfil de abertura, sobre o personagem, que trará passagens de sua vida para chamar a atenção do leitor. As afirmações dos entrevistados aparecem como confirmação do conteúdo.

A terceira forma mais usada é a da utilização das perguntas e respostas, muito conhecida por “pingue-pongue”. Porém, esse tipo sofre certa incapacidade de expor naturalmente as expressões e sentimentos do entrevistado, sendo considerada “premeditável”. Duas coisas podem prejudicá-la: a personalidade do entrevistador na sua elaboração ou o personagem sentir que suas “falas” foram manipuladas.

Diversos teóricos conceituam os tipos de entrevistas. Neste estudo prima-se por Edgar Morin (*apud* MEDINA, 2002, p. 14-19) pela sua divisão sucinta e pontual no caso da edição de perfis:

Entrevista ritual/rito. Geralmente breve. O centro do discurso está na figura do entrevistado e no motivo que levou o jornal a procurá-lo. Tende a ser chamada de entrevista para “cumprir a ficha”, cujo intuito é apenas confirmar algo esperado. Quase sempre é feito um esforço pelo jornalista para encontrar falhas no discurso do entrevistado, mas como é algo relativamente premeditado, essa tentativa é frustrada.

Entrevista temática. Quase sempre aborda um tema cujo entrevistado barganha para submeter-se à entrevista, muitas vezes como especialista. Pode envolver a exposição de opiniões e as versões acerca de um acontecimento. Morin (1998) a divide em entrevista de investigação e entrevista conceitual.

Entrevista testemunhal. Trata de buscar o relato do entrevistado a respeito de um evento a que ele assistiu ou do qual participou, de forma exclusiva, e possa acrescentar novas informações ao fato antes narrado. Esse tipo de entrevista contém a interpretação pessoal do entrevistado sobre o evento.

Entrevista em profundidade. Este seria o tipo mais indicado na utilização dos perfis jornalísticos, visto que é a entrevista que não focaliza um tema particular ou evento, mas a representação do mundo construída pelo personagem. Relacionar a sua visão dos eventos, dos locais, e a sua maneira de ser é quase o mesmo que, segundo

Nilson Lage (2002), “[...] construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem a partir de seus próprios depoimentos e impressões”.

Entrevista anedótica. De acordo com Morin, (*apud* MEDINA, 2002, p. 15):

Muitas, a maior parte, sem dúvida, das entrevistas de vedetes são conversações frívolas, ineptas, complacentes, em que o entrevistador busca as anedotas picantes, faz perguntas tolas sobre as fofocas e os projetos, em que o entrevistador e o entrevistado permanecem deliberadamente fora de tudo que possa comprometer. Esta entrevista se situa no fiel dos mexericos.

Ao estar diante de uma entrevista podem ser mescladas informações sobre cotidiano, fama, saúde, sexo, família, drogas e morte; e a respectiva opinião do entrevistado acerca dos temas. Geralmente as entrevistas não têm tempo marcado, mas o entrevistador deve ter discernimento para saber quando é hora de parar, mesmo que a entrevista represente material necessário para narrar uma história de vida, como no caso das biografias e perfis.

2 A narrativa jornalística e a construção humana no perfil

Originalmente a etimologia da palavra “narrar” vem do sânscrito e significa “saber, conhecer”. Em tempos remotos o homem já utilizava narrativas para se comunicar, valendo-se desse meio ele pôde carregar de originalidade as histórias conduzidas para a posteridade, contribuindo para a preservação da cultura do seu e dos demais povos.

Com a invenção e proliferação dos meios impressos, narrar deixou de ser um ato apenas do campo da oralidade e angariou seu espaço em veículos de comunicação escritos. Em gêneros como o perfil foi possível, sem muitas restrições, construir narrativas jornalísticas a respeito de fatos do cotidiano, traçando-se verdadeiros “retratos sociais”.

No jornalismo, as narrativas tendem a ser naturalmente híbridas e estão presentes em todos os gêneros no momento em que o autor descreve uma história: os personagens, o ambiente, as mudanças e os conflitos. É necessário, portanto, estar atento ao posicionamento dos atores sociais, assim como nas dimensões éticas e estéticas ao longo do seu corpo e, mais precisamente, no seu desfecho. Em *Teoria Semiótica do Texto*, Diana Barros (1994, p. 16) afirma que:

A síntese narrativa deve ser pensada como um espetáculo que simula o fazer do homem que transforma o mundo. Para entender a organização narrativa de um texto, é preciso, portanto, descrever o espetáculo, determinar seus participantes e o papel que representam na historiazinha simulada.

Vilas Boas (2002) delimita o espaço no campo do jornalismo e da narrativa quando deduz que o conjunto de funções desempenhadas pelo jornalismo materializa-se na mensagem articulada jornalisticamente. Porém, na maioria dos casos em que a mídia molda a sua mensagem pelo padrão da linguagem jornalística, o leitor acaba ficando conformado com fórmulas e relatos de pouco alcance social.

2 A estrutura da narrativa

No mundo atual, de grande impessoalidade, as narrativas jornalísticas continuam a fazer sucesso com o público. O jornalismo preserva o seu dever de informar e orientar, debruçando-se sobre a ocorrência social e destacando os acontecimentos do cotidiano da sociedade moderna; e o leitor, sem dúvida alguma, permanece interessado em conhecer histórias de vida, não se importando se de indivíduos comuns ou dos seus ídolos.

Enquanto narração, a narrativa jornalística deve conter em sua estrutura algumas características fundamentais, destaca-se aqui: exposição, complicação e resolução, podendo, quase sempre, vir acompanhada de uma “moral” a ser passada pelo texto, desenvolvidas pela ação dos personagens, subordinadas às descrições dos objetos e das circunstâncias nas quais a história se desenvolve.

No livro *O texto da Reportagem Imprensa*, Oswaldo Coimbra (1993, p. 47-8) divide os narradores segundo sua atuação ao longo da obra. Pode-se destacar:

- a) narrador testemunha (em 1ª pessoa): o ponto mais marcante é que neste tipo o narrador é personagem geralmente secundário, limitado a não narrar do centro dos acontecimentos, mas dos arredores;
- b) narrador protagonista (em 1ª pessoa): é um tipo de narrativa que transporta o narrador para um patamar especial. Isto é, ele se torna alguém com a tarefa de ouvir, perceber, transcrever e editar um acontecimento, em que, muitas vezes, ele mesmo é o centro do acontecimento;
- c) narrador onisciente (em 3ª pessoa): neste modelo de narração, o jornalista além de conhecer os acontecimentos e estar infiltrado neles, ainda parece entender o que há por dentro dos personagens.

- d) modo dramático (em 3ª pessoa): a forma de narrativa mais usada no jornalismo. Nela, o texto se compõe apenas da sucessão de cenas ocorridas com os personagens.

3 O gênero perfil

Existem indícios de que o perfil surgiu no jornalismo brasileiro há cerca de dois séculos, porém, desde 1950 revistas como *O Cruzeiro*, *Realidade* e *Veja* começaram a dar destaque ao gênero, influenciadas principalmente pelas norte-americanas *The New Yorker*, *Vanity Fair* e *Biography*. Truman Capote, Tom Wolfe e Gay Talese foram alguns jornalistas destes periódicos imortalizados por publicações que marcaram época.

Os perfis são textos geralmente curtos que reconstituem um episódio e circunstâncias marcantes da vida de um indivíduo. Outras denominações e adaptações são encontradas como reportagem narrativo-descritiva de pessoa, *short-term biography*, *clouse-up*, reportagem biográfica ou relato de vida.

Tendo como centro textual trechos de uma história de vida que a ligam a um fato situado no presente, o perfil ainda é um gênero do jornalismo pouco estudado. Num dos primeiros livros brasileiros sobre o assunto, *Técnica de reportagem – notas sobre a narrativa jornalística* (1986), Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, explicam que perfil em jornalismo significa dar enfoque na pessoa – seja uma celebridade, seja um tipo popular, mas sempre o focalizado é protagonista da história: sua própria vida.

Importante ressaltar os principais atributos do gênero, entre os quais, podemos destacar: pleno destaque na pessoa, preocupando-se em desvendar a ideologia dos personagens, mesmo que esta esteja sendo encenada; e eliminação dos pressupostos do jornalismo meramente informativo, diminuindo a negação da subjetividade e o famoso foco no factual.

Ao contrário das biografias, o gênero perfil tem se consagrado por retratar narrativas sintéticas sobre trechos da vida de um personagem, não é importante relembra-la por completo, mas transcrever apenas algo que a ponha em parâmetro perfilável, com a vivência interpondo idéias e conceitos atuais aos do passado e futuro. Ecléa Bosi acentua a importância do perfilado quando afirma que (1998, p. 20):

A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado “tal como foi”, e que se faria no inconsciente de

cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto, de representações que povoam nossa consciência atual.

A classificação de perfis feita segundo Ferrari & Sodré (1986, p. 139) entende que em gêneros como a notícia, a entrevista e até a reportagem, é sempre possível visualizar um **miniperfil**, ou seja, a passagem, por um breve momento, quando ocorre a descrição da vida dos personagens, até então figuras secundárias da narrativa.

Outros personagens merecem maior espaço, seja pelo tamanho do evento de que participaram, da exclusividade do acontecimento ou da atitude singular que tomaram. Em algumas situações publicam-se inúmeras matérias, de diversos tipos (artigos, crônicas, entrevistas), que testemunham a vida e a obra da pessoa focalizada. O conjunto forma uma grande reportagem e, naturalmente, seu **multiperfil** com vários narradores, e, *a priori*, uma única narrativa.

A entrevista tem papel fundamental na construção de perfis, pois enriquece o autor com os dados e potencializa a história do possível perfilado. Portanto, narrar um acontecimento por meio de uma testemunha não é a mesma coisa que descrevê-la quando se a tem lado a lado.

Quase sempre é por meio da entrevista que se conhece o personagem, e, por conseguinte, reconstrói-se a sua história - no caso deste trabalho, por meio dos perfis jornalísticos. Por esse motivo e ligação direta entre os gêneros, pode-se situar o perfil de três formas principais:

- a) **discurso direto** - com um texto inicial que mostre os principais pontos que fizeram com que determinada pessoa seja perfilada, com suas informações principais e pequena porção da sua história. Após essa apresentação inicial segue-se a entrevista, geralmente pingue-pongue, com as perguntas do entrevistador e resposta do entrevistado, quase sempre de maneira pouco pessoal e distante. Uma espécie de fechamento sobre aquele perfil/personagem pode vir como um fragmento no final, após a entrevista em si. Não há narrador para expor as informações do perfilado ou escrever as impressões vistas ao longo da entrevista;
- a) **discurso indireto** - com os dados da entrevista o narrador pode escrever de forma clara, geralmente munido de inúmeros adjetivos referentes ao perfilado;

- b) **discurso direto/indireto** - o mais comum no jornalismo brasileiro e internacional, o escritor não conhece o seu perfilado e acaba dando ênfase ao encontro entre eles, aumentando a impressão de veracidade e realidade presentes no texto.

4 O lugar do perfil e da entrevista no jornalismo impresso brasileiro

Com o surgimento das escolas de comunicação no Brasil, ainda na década de 40, a tendência natural era investir na superação da teoria, a prática criativa e a espontaneidade dos futuros jornalistas foram questionadas pela intervenção dos pressupostos do lide. Já naquela época os jornais brasileiros começaram a adotar a técnica realizada até hoje.

Assim como tem diminuído o número de jornalistas que reflitam sobre a atuação que os personagens têm nos fatos, tem diminuído a construção de narrativas livres da tradição dos princípios da imparcialidade, veracidade e objetividade, com é o caso dos perfis biográficos. Segundo Vicchiatti (2005, p.23):

Essa voracidade em informar a qualquer custo, que culmina em julgamentos dolorosos e imprecisos, é, na maioria das vezes, fruto do jornalismo de resultados. O jornalista não leva em consideração que numa mensagem subliminar pode estar uma preocupação latente de toda uma coletividade.

Na construção do perfil, o jornalista é figura essencial, seu compromisso social deverá ser intransponível em todas as fases da concepção do texto, pois é a partir da sua visão que os discursos sobre a “*persona*” que será retratada tomarão forma. Sergio Vilas Boas (2003, p. 14) enfatiza:

A profissão de repórter nos credencia a ficar conectados com pessoas muito interessantes, e às vezes a uma distância física que o leitor comum dificilmente poderia estar. No entanto, transmitir uma compreensão – ainda que abreviada e efêmera – sobre alguém é delicado. Não basta embaralhar fatos biográficos ou aspear frases do dicionário.

Atualmente os meios de comunicação não passam mais a sensação do “todo” que envolve a notícia. Esquece-se que em todas as notícias existem pessoas envolvidas, com sentimentos e subjetividades. No entanto, o ser humano não tem mais espaço na maioria dos gêneros jornalísticos informativos.

Produzir um perfil jornalístico é optar por um estilo caracterizadamente excepcional, afinal, o gênero abre espaço às construções simbólicas dos participantes da história, através do seu próprio trajeto de vida, mesmo que de desconhecidos do grande público.

Os perfis tiveram e têm papel importante e específico na estruturação do jornalismo impresso brasileiro, mesmo que atualmente contem com pouco apoio dos veículos de comunicação. O gênero tem abre possibilidades para reconstruções e releituras sociais, pois há uma mediação constante entre aquele que o vê e aquele que o faz, configurando-se num exercício para o jornalismo e para o jornalista. Benjamim crítica (1983):

[...] o jornalista, diante de pressupostos conceituais - a busca incessante da veracidade e da imparcialidade - se concentra no narrado e raramente se apresenta enquanto autor, ou em outros casos, se põe num pedestal, achando que seu estilo é a obra completa.

É necessário esclarecer que não há, aqui, uma exacerbação da subjetividade em lugar da objetividade, mas sim a congratulação da idéia de que cabe aos jornalistas não apenas informar ao público, mas sim instigá-lo dentro da sua própria realidade social.

Considerações finais

A crescente produção de livros biográficos no mercado editorial brasileiro é notória. Segundo dados de Vilas Boas (2002), entre 1995 e 1997, a venda destes exemplares praticamente dobrou (99%). Vale ressaltar que nesses dados estão inclusas apenas biografias, memórias, autobiografias e cartas; o que se deduz, portanto, é a importância que as reportagens biográficas têm no jornalismo brasileiro.

O tempo e o espaço sem dúvida são grandes obstáculos para a produção de bons materiais jornalísticos. Rotineiramente muitos profissionais têm nas mãos a possibilidade de construir verdadeiros retratos vivos da sociedade brasileira por meio de perfis, mas esbarram no veto a criatividade e autoria participativa dos veículos de comunicação ao qual, atualmente, estão praticamente imersos e não inseridos.

Dadas todas as configurações existentes pode-se compreender a ausência de textos que tenham no “humano” a sua fonte primordial, empobrecendo a cultura retratada pelos meios de comunicação.

Na contramão do apelo ao factual, surgiram gêneros que tentam comunicar em vez de meramente informar. Neste segmento foram destacados a entrevista e o perfil, pois notadamente, mesmo profissionais da comunicação, costumam confundi-los. É importante traçar suas características em comum: o foco narrativo, a pauta e as fontes, além de uma maior liberdade nas suas elaborações.

A entrevista jornalística, ao lidar com pessoas e diálogos, facilita o colhimento de dados a respeito de relatos de vida, idéias e passagens; e contribuirá para perfis jornalísticos com conteúdo e ímpeto de extrair o essencial das pessoas que diariamente constroem a sua própria história, pautadas pela trajetória histórica da época em que estão inseridas, ou seja, no cotidiano.

Referencias

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 1994.

BENJAMIM, Walter. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa. Um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 2002.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LAGE, Nilson. **A reportagem – Teoria e Técnica da entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Ática, 2002.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2002.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia. Métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. 5ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VICCHIATTI, C. A. . **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. São Paulo: Paulus Editora, 2005.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: um diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2002.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. 5ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias e Biógrafos: Jornalismo sobre personagens.** São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Perfis: e como escrevê-los.** São Paulo: Summus, 2003.